

PESSOA E “MONSIEUR” MARINETTI

JERÓNIMO PIZARRO*

Sou, por índole, e no sentido directo da palavra, futurista.
Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás.

Carta de 11 de Dezembro de 1931¹

SE UMA EPÍGRAFE pode ser vista como um amuleto, estas palavras de Fernando Pessoa ao seu crítico e futuro biógrafo João Gaspar Simões talvez sejam umas das mais adequadas para encetar um artigo sobre a postura crítica de Pessoa ante o futurismo italiano. Em 1931, depois de Marinetti se ter tornado membro da Academia Italiana, fundada por Mussolini, e depois de ter escrito o poema “Marinetti, académico”, atribuído a Álvaro de Campos, Pessoa ainda se declara “futurista”; mas fá-lo no “sentido directo da palavra”, com

* Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Doutor em Literaturas Hispânicas (2008) pelo Departamento de Literaturas Românicas de Harvard University; e em Linguística Portuguesa (2006) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador associado do Centro de Linguística desta última universidade. Membro da Equipa Pessoa. Editor de vários volumes da Edição Crítica de Fernando Pessoa: da Série Maior, o VII, *Escritos sobre Génio e Loucura*, o VIII, *Obras de Jean Seul de Méuret*, o IX, *A Educação do Stoico*, o X, *Sensacionismo e Outros Ismos*, e o XI, *Cadernos*; da Colecção “Estudos”, o III, *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Co-organizou, com Steffen Dix, o livro de ensaios *A Arca de Pessoa* (2007) e o número especial da revista *Portuguese Studies* (2008), do King’s College London, dedicado a Fernando Pessoa. Recentemente organizou o livro de ensaios *Fernando Pessoa: o guardador de papéis* (2009).

¹ Sem cota (não se encontra no espólio de Fernando Pessoa, à guarda da BNP). Ver F. Pessoa, *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Colecção “Estudos”, volume II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, p. 176.

humor e como se o “futurismo” fosse o contrário do “passadismo”². O autor da *Mensagem* diz não saber “olhar para trás” e nunca ter sentido, “em verdade, saudades de nada”. Ora, num sentido mais lato ou “indirecto”, isto é, no próprio sentido em que Marinetti empregou o termo “futurista”, terá sido Pessoa um “futurista”?

Acredito que não. Pessoa foi apenas passageira e superficialmente futurista. É verdade que a “Ode Marítima”, publicada no n.º 2 da revista *Orpheu* (1915)³, foi dedicada por Álvaro de Campos a Santa Rita Pintor, o mais entusiasta divulgador do futurismo em Portugal. Porém, uma dedicatória não implica a adesão a uma escola e, por outro lado, não podemos esquecer que Álvaro de Campos – designado, por Pessoa, como “Álvaro futurista” a 2 de Setembro de 1914⁴; e como “ENGENHEIRO NAVAL E POETA FUTURISTA” num texto posterior a 1918⁵ –, assina uma carta, datada de 4 de Junho de 1915, em que se lê: “Nenhum futurista tragaria o ‘Orpheu’”⁶. Citei já diversas cartas e várias vezes Álvaro de Campos, porque gostaria de comentar neste artigo o rascunho conservado de uma carta

² O contrário do “passadismo” ou um sinónimo de “adiismo”. Cf. uma carta anterior, de a de Abril de 1931, também para Gaspar Simões: “Em muitas coisas pertenço à seita dos adiiastas, e sou autenticamente futurista no sentido de deixar tudo para amanhã” (*ib.*, p. 154).

³ Vd. *Orpheu*. Reedição do volume I. Lisboa, Ática, 1959. Reedição do volume II. Lisboa, Ática, 1976. Preparação do texto e introdução de Maria Aliete Galhoz. Reedição do volume III. Lisboa, Ática, 1984. Preparação do texto, introdução e cronologia de Arnaldo Saraiva. *Orpheu* 3. Provas de página. Porto, Nova Renascença, 1983. *Orpheu: revista trimestral de literatura*. Fac-símile da edição Lisboa, Typografia do Commercio, 1915. Inclui um número 3 de provas de página. Lisboa, Contexto, 1989.

⁴ Sem cota. Ver F. Pessoa, *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues* Introdução de Joel Serrão. Lisboa, Confluência, 1945, p. 23.

⁵ BNP/E3, 21-124^o; cf. F. Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1966, p. 415.

⁶ BNP / E3, 21-122^o; cf. *ib.*, p. 413.

endereçada por Campos a Marinetti, recentemente reeditada no volume X da Edição Crítica de Fernando Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).⁷

O rascunho a que me refiro demonstra que Pessoa projectou contactar Marinetti em meados de 1915 e que tencionou dedicar-lhe *a posteriori* a “Ode Triumphal” (*Orpheu*, n.º 1). O primeiro facto é menos surpreendente do que o segundo, já que nesse mesmo ano Pessoa enviou também cartas a Miguel de Unamuno, Sampaio Bruno e Camilo Pessanha, entre outros escritores e intelectuais portugueses e estrangeiros, com o objectivo de divulgar o aparecimento de *Orpheu*; o segundo facto é, porém, bastante surpreendente, visto que Pessoa nunca dirigiu qualquer elogio a Marinetti, mas é compreensível, se nos lembrarmos que na carta de 4 de Junho de 1915, Campos descreve a “Ode Triumphal” como “a unica cousa que se aproxima do futurismo”⁸. É no verso da folha de papel que contém o testemunho dactilografado dessa carta⁹ que se encontra o rascunho manuscrito que ora passo a citar:

Monsieur,

Je vous envoie, par ce courrier, un numéro de la revue portugaise *Orpheu*, et cette lettre porte jusqu’à vous une traduction française, que je viens de faire, de mon *Ode Triomphale*, publiée dans “*Orpheu*”.

⁷ Apesar de ser um rascunho muito rápido, esta carta teve cabimento na *Obra Essencial* (vol. VII, *Cartas*. Edição de Richard Zenith. Lisboa, Assírio & Alvim, 2007) de Pessoa. Convém notar que o “essencial” inclui escritos automáticos e exclui inúmeras apreciações literárias, políticas, sociológicas, filosóficas, etc.

⁸ BNP / E3, 21-123^r; cf. F. Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, cit., 1966, p. 414.

⁹ Da carta dactilografada de 4 de Junho de 1915 existe um rascunho: BNP/E3, 25-32^v e 71A-54^r; cf. F. Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, volume X. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 534.

Dans “Orpheu” mon ode est sans dédicace. Je vous demande permis¹⁰ de vous la dédier, lors de la publication de mon livre, qui l’insérera.

Je tiens à vous dire, très franchement, que je ne suis nullement futuriste; j’ai cependant lu, dans votre attitude, (pas dans votre Ouvrage¹¹) cet amour des choses modernes qui était déjà en moi, et dont j’ai cherché à donner, dans l’*Ode Triomphale*, l’expression purement d’ingénieur, purement mécanique¹² et technique.

N’admettant (pas)¹³ aucune relation¹⁴ entre l’art et la réalité, je n’admets pas, naturellement, votre technique et vos processus. Pour moi, vos mots en liberté n’ont pas de sens. Je n’admets que mes sensations, et en utilisant¹⁵ Votre expression, je n’admets dans l’art que les sensations en liberté.

Vous comprenez bien. Il n’y a pas de mots. Il n’y a pas de choses. Il n’y a que des sensations. Il n’y a d’art que des sensations. Tout n’est que ce qu’il est en nous. C’est à cette école *sensationiste* que je donne mon adhésion. Cette école c’est moi. Il n’y a que moi de Sensationiste. Dans mon ascendance intellectuelle je trouve Blake¹⁶ et Walt Whitman. Votre courant est une lumière *éteinte qui nous a éclairé le sentier. En tant que lumière je ne me souviens pas de votre école. Elle ne vaut pour moi [122^v] que ce qu’elle me montre. Vous êtes des merveilleux suggestionneurs¹⁷. Il vous faut l’art pour être des artistes.

Qu’est-ce que l’art? Oh, ce n’est que l’art. Pour moi, c’est moi. Pour vous – pas moi – ce serait vous, mais vous n’êtes jamais

¹⁰ Fisicamente parece “permis” e não “permission”.

¹¹ “Ouvrage”: com acento no original.

¹² “mécanique” e não “mécannique” no original.

¹³ “pas”: entre parênteses, devido à hesitação do autor.

¹⁴ “relation”: com acento no original.

¹⁵ “utilizant”: com “z” no original.

¹⁶ Não “Nietzsche”, como sugere R. Zenith na *Obra Essencial*.

¹⁷ “suggestionneurs”: com um “n” no original.

vous, mais toujours l'autre. Vous vous êtes¹⁸ sacrifiés à l'art, alors qu'il ne devrait avoir d'art pour vous, que vous. Votre art actuel est ce qui reste de ce qui a passé.¹⁹

(21-122^v e 123^v; cf. *Sensacionismo e Outros Ismos*, cit., pp. 377 e 619)

[Senhor,

Envio-lhe, por este correio, um número da revista portuguesa *Orpheu*, e esta carta leva até si uma tradução francesa, que acabo de fazer, da minha *Ode Triumphal*, publicada em *Orpheu*.

Em *Orpheu* a minha ode não tem dedicatória. Peço-lhe permissão para lha dedicar, aquando da publicação do meu livro, em que estará inserida.

Devo dizer-lhe, com toda a franqueza, que não sou de modo algum futurista; contudo, li, na sua atitude, (não na sua Obra) esse amor pelas coisas modernas que existia já em mim, e à qual procurei dar, na *Ode Triumphal*, a expressão puramente de engenheiro, puramente mecânica e técnica.

Não admitindo qualquer relação entre a arte e a realidade, não admito, naturalmente, nem a vossa técnica nem os vossos processos. Para mim, as vossas palavras em liberdade não fazem sentido. Apenas admito as minhas sensações e, utilizando a vossa expressão, na arte apenas admito as sensações em liberdade. Vós compreendeis bem. Não há palavras. Não há coisas. Há apenas sensações. Não há senão a arte das sensações. Tudo é apenas o que é em nós. É a essa escola *sensacionista* que eu adiro. Essa escola sou eu. Não há outro Sensacionista excepto eu. Na minha ascendência intelectual, encontro Blake e Walt Whitman. A vossa corrente é uma luz apagada que nos alumiou o caminho. Enquanto luz não me lembro da vossa escola. Ela não vale

¹⁸ Variante na entrelinha superior: “avez”. Optamos por “êtes”.

¹⁹ “Votre art actuel est ce qui reste de ce qui a passé”. Substitui uma primeira versão: “Votre effort est un effort abstrait, affolé de devenir...”.

mais para mim do que aquilo que me mostra. Vós sois maravilhosos sugestionadores. Precisais de arte para seres artistas. O que é a arte? Ah, não é senão a arte. Para mim, sou eu. Para vós – não sendo eu – sériéis vós, mas vós nunca sois vós, mas sempre o outro. Vós sacrificastes-vos à arte, enquanto não deveria haver para vós outra arte senão vós mesmos. A vossa arte presente é o que ficou daquilo que passou.]

Parece-me bastante óbvio que estas linhas, a terem sido enviadas, jamais teriam obtido uma resposta epistolar. Pessoa – ou Campos, já que se lê “mon *Ode Triomphale*” –, demarca-se claramente do futurismo e nega as suas técnicas e processos. No *Manifeste du futurisme* (20 de Fevereiro 1909) e no *Manifesto tecnico della letteratura futurista* (11 de Maio de 1912), Marinetti havia defendido a necessidade de libertar as palavras, para desafiar a sintaxe e aproximar-se do design tipográfico da época; a esta “técnica” (“mots en liberté”) Campos opõe uma outra, denominada “sensações em liberdade”. Em poucas palavras, opõe o sensacionismo ao futurismo; e justifica esta opção com uma série de frases análogas e sintéticas: “Il n’y a pas de mots. Il n’y a pas de choses. Il n’y a que des sensations”.

Pessoa não terá passado a limpo o rascunho citado, nem enviado o prometido exemplar de *Orpheu* a “monsieur” Marinetti. Por isso, em carta de 13 de Agosto de 1915, e depois de comprar o volume *I Poeti Futuristi*, Mário de Sá-Carneiro tê-lo-á exortado a fazê-lo, com a seguinte nota: “não deixe de enviar o *Orfeu* aos homenzinhos [do movimento futurista]”²⁰. Tê-la-á enviado? Parece que não. O certo é que Sá-Carneiro, co-director juntamente com Pessoa de *Orpheu*, n.º 2, tinha algum interesse – e talvez mais do que

²⁰ BNP / E3, 115⁶-53a^r; cf. Mário de Sá-Carneiro, *Correspondência com Fernando Pessoa*, Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa, Relógio d’Água, 2 tomos. 2003, II, p. 63.

Pessoa – em contactar com os futuristas. No segundo número da revista dedicou também um poema a Santa Rita Pintor, “Manucure”, poema que celebra a “nova sensibilidade tipográfica” e que contém colagens de rótulos e anúncios. Contudo, nem Marinetti nem Picasso teriam verdadeiramente apreciado uma fórmula inserida em “Manucure”:

MARINETTI + PICASSO = PARIS<SANTA RITA PIN-
TOR + FERNANDO PESSOA
ALVARO DE CAMPOS
!!!!

Bem mais “futuristas” do que Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro foram, sem dúvida, José de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, que em 1916 fundaram o Comité Futurista de Lisboa... Mas voltemos à carta e examinemos alguns textos de Pessoa sobre o futurismo italiano.

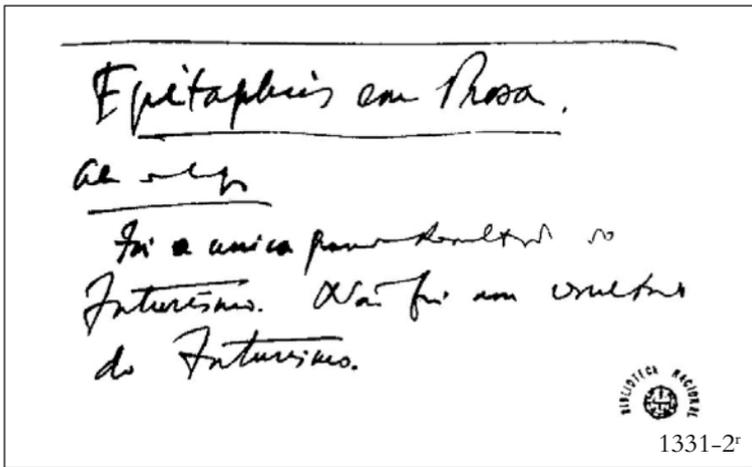
Diz Álvaro de Campos: “Il n’y a que moi de *Sensationiste*. Dans mon ascendance intellectuelle je trouve Blake et Walt Whitman”. Porquê Blake e Whitman? Porque estes são dois dos poetas que Pessoa costuma invocar como os precursores do verso livre cultivado por Alberto Caeiro e por Álvaro de Campos, quer em versos mais “rectilíneos”, quer em versos mais “sinfónicos”. Veja-se a série de desenhos com os que Pessoa descreve vários *ismos*, para além do Sensacionismo:

 Sensacionismo (desde Blake, Whitman)²¹

Leia-se, a este propósito, o seguinte apontamento sobre a literatura e a música: “A criação blakeana do verso-livre, o aperfeiçoamento whitmanesco e kahniiano tendia a criar o instrumento symphonico da literatura, a possibilitar a orches-

²¹ BNP / E3, 75-59^r; cf. F. Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos*, *cit.*, pp. 128-129 e pp. 511-512.

tração ideativo-verbal”²². Blake e Whitman – para além de Gustave Kahn, mas não os futuristas – forneceram a Campos o “instrumento symphonico da literatura”, tão importante nas suas grandes odes. Estas composições e o facto de Campos ter sido um dos grandes cultores do verso livre, terão levado Pessoa a escrever o seguinte “epitaphio em prosa”: “Alv[aro] de Campos | Foi o unico Grande Resultado do Futurismo. Não foi um resultado do Futurismo”.



Este “epitaphio” sintetiza a opinião que Frederico Reis expõe num longo e importantíssimo texto de 1915, intitulado “Folheto”:

Alv[aro] de Campos é o que os futuristas [4^r] quiseram ser, e mais alguma cousa, o poeta de Sensações e só de sensações, e do pensamento e do sentimento como sensações apenas.

[...]

E os futuristas, que não haviam conseguido devéras e a valêr metter nos seus versos, de modo eterno e moderno, abstracto,

²² BNP / E3, 144A-17^v a 18; cf. *ib.*, p. 295.

a vida actual, completa, científica, ruidosa e productiva, vêm o seu ideal [15^v] realizado, realizado completamente, inultrapassavelmente pelo genio febril, nervoso de Alvaro de Campos, que na sua enorme Ode II triumpha de uma vez para sempre de todos os varios futuristas por acabar, que na França, na Italia e na Inglaterra não conseguem dizer o que querem.

(14⁶-3^v, 4^r, 15^r e 15^v; cf. *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, pp. 57, 60 e 464)

Não sabemos onde teria aparecido este “Folheto”, que complementa o único texto de Frederico Reis conhecido: umas considerações sobre a poesia de Ricardo Reis em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*²³. O certo é que por volta de 1915 Pessoa considerava ter ido além do futurismo, ter realizado já o que esta corrente moderna ainda não conseguia concretizar. Não espanta, portanto, que não tenha chegado a contactar Marinetti nem os outros “homenzinhos” (Sa-Carneiro *dixit*). Para Pessoa as manifestações portuguesas do futurismo chegarão tarde, quando este já começava a abandonar o seu período mais vanguardista e a enveredar, como Campos, depois do seu *Ultimatum*, por um “alto modernismo”, isto é, por um modernismo de pendor mais clássico, em que Ricardo Reis poderia finalmente surgir; por um “segundo” modernismo, menos experimental e mais sóbrio, que, através da revista *Athena* (1924-1925), antecipou a segunda fase do modernismo português, que habitualmente se associa aos anos da revista *presença* (1927-1940).

Tenho escrito e repetido modernismo, porque Pessoa foi um criador de “ismos” – e criou bem mais do que um “ismo” – embora talvez um dos menos vanguardistas, se tentarmos definir a vanguarda a partir dos manifestos das vanguardas históricas. É o próprio Pessoa, multiplicado em hete-

²³ *Op.cit.*, pp. 386-387.

rónimos e figuras afins, que pergunta a Marinetti: “Qu’est-ce que l’art?”; e com a “voz” de Campos responde: “Oh, ce n’est que l’art. Pour moi, c’est moi. Pour vous – pas moi – ce serait vous, mais vous n’êtes jamais vous, mais toujours l’autre”.

Os futuristas teriam caído no “erro” (ou tentativa) de subordinar, em maior ou menor medida, a arte à sociedade e à política. Campos propõe subordinar a arte apenas às sensações e esboça uma apoteose das mesmas; entende que não se podem invocar os nomes de novos objectos e recorrer a novas técnicas tipográficas, sem uma emoção estética que justifique a inclusão desses nomes e a utilização dessas técnicas. Compreende que a arte deve nascer do interior e não do exterior. O que fica claro é que Marinetti não teria reconhecido em Campos e, portanto, ainda menos em Pessoa – que talvez tivesse ocultado o seu nome –, um divulgador do modernismo em Portugal.

Assim sendo, porquê escrever a Marinetti? Porquê dedicar-lhe a “Ode Triumphant”? Convém não esquecer que do projecto da carta só conhecemos o rascunho que acima transcrevemos. Se Pessoa tivesse preparado uma outra versão, mais limpa e em letra facilmente legível, teria muito provavelmente redigido uma carta diferente e talvez mais extensa. A sua relação com o Futurismo teria, nesse caso, ficado marcada por uma muito maior ambiguidade. Seja como for, o rascunho existente é suficientemente interessante, já que testemunha a tentativa de um contacto directo com Marinetti e de divulgação de *Orpheu* na Itália. Além disso, podem ler-se opiniões muito claras (como “vos mots en liberté n’ont pas de sens”), que ajudam a perceber porque Pessoa – que tinha tido uma empresa “tipográfica e editora” (a *Ibis*), e que chegou a ensaiar a “intersecção” das sensações – não fez muitas explorações tipográficas com as palavras, nem lançou grandes desafios “vanguardistas” à sintaxe.

Do futurismo, Pessoa reteve apenas o que considerou mais artístico; não o culto de certas atitudes ou a vontade expressa

de incomodar e agitar opiniões, mas certos temas (como o ruído de uma fábrica) e certos artificios (como as interjeições). Também um certo ritmo aparentemente espasmódico, embora Campos, na sua “Ode Triumphal”, tenha intercalado versos calmos, quase pacatos, que “nenhum futurista tragará”:

(Na nora do quintal da minha casa
O burro anda à roda, anda à roda,
E²⁴ o mistério do mundo é do tamanho disto [...])
(*Orpheu*, n.º 1)

No fundo, Pessoa (e Campos) foram “perdendo” velocidade depois de 1915–1916. Se é que Pessoa (e Campos) foram alguma vez puramente “velozes”, puramente “dinâmicos”; *O Marinheiro*, “drama estático em um quadro”, também foi publicado no primeiro número de *Orpheu*; tal como o poema “Opiário” ...²⁵

Depois da “cavalgada pantheista de mim por dentro de todas as cousas” – cito um fragmento d’“A Passagem das Horas”, ode dedicada a Almada Negreiros – , depois de exclamar por escrito “Hup-la hup-la hup-la hup-la.....”²⁶, Álvaro de Campos pede para “Existir sem Freud nem aeroplanos, | Sem cabarets, nem na alma, sem velocidades, nem

²⁴ Retiro o acento agudo sobre o “E” maiúsculo, por considerá-lo um erro tipográfico.

²⁵ O teatro estático pessoano é completamente o oposto do vertiginoso teatro futurista. Contudo, alguns “colegas” de Álvaro de Campos, sob a sua “diligente” orientação, terão tido o projecto de representar um drama sintético (“Os Jornalistas”), inspirado no teatro sintético dos futuristas e, nomeadamente, no drama *Le Basi* (1915) de Marinetti, em que só se vem os pés dos actores. Ver o testemunho da carta de 6 de Julho de 1915 para o director do jornal *A Capital* (F. Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos*, cit. p. 379). O manifesto de *Il teatro futurista sintetico* de Marinetti, Settimelli, Corra está datado de Janeiro-Fevereiro de 1915; a *Scenografia futurista* de Prampolini, de Abril-Maio de 1915.

²⁶ Fragmento de 22/5/1916. BNP / E3, 70-19^o. Cf. F. Pessoa, *Poemas de Álvaro de Campos*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Menor. Edição de Cleonice Berardinelli. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 355.

no cansaço!”²⁷, e o autor de um trecho de *Livro de Desassossego*, acrescenta: “Para sentir a delicia e o terror da velocidade não preciso de automoveis velozes nem de comboios expressos. Basta-me um carro electrico e a espantosa faculdade de abstracção que tenho e cultivo”.²⁸

Pessoa não enviou a esboçada carta a Marinetti no ano em que publicou duas das mais conhecidas odes de Campos, isto é, no seu período mais “vanguardista”, e depois disso terá encontrado cada vez menos motivos para o fazer. Em *Portugal Futurista* (1917)²⁹ publicou *Episodios e Ficções do Interlúdio*, com o seu nome, e *Ultimatum*, com o de Campos. *Ficções do Interlúdio* incluem o poema “Saudade Dada”, que, com as suas aliteraões, talvez se possa ler como uma paródia do *non-sense* dadaísta; *Ultimatum* inclui a seguinte frase: “Passae, frouxos que tendes a necessidade de serdes os istas que qualquer ismo!”. Em 1917, Pessoa já sentia como passado o tempo dos ismos; era então necessário continuar, ser “futurista”, mas “no sentido directo da palavra”, e não “olhar para trás”.

²⁷ Poema de 17/8/1930. BNP/E3, 60A-25^r; cf. F. Pessoa, *Poemas de Álvaro de Campos*, cit., p. 252.

²⁸ Trecho sem data. BNP/E3, 7-12^r; cf. F. Pessoa, *Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa, Editorial Presença, 2 tomos, 1990-1991, p. 193. Um poema de Marinetti intitula-se, precisamente, “Velocitá automobilistiche”.

²⁹ Vd. *Portugal Futurista*. Fac-símile antecedido de “O futurismo em Portugal” por Nuno Júdice e “Para o estudo do futurismo literário em Portugal” por Teolinda Gersão. Lisboa, Contexto, 1981.